

O EMBAIXADOR, O CARTÓGRAFO E O ROMANCISTA E O PROJETO PORTUGUÊS DE TRAVESSIA DA ÁFRICA: ENTRE MAPAS, FRONTEIRAS E LIVROS*

Júnia Ferreira Furtado

juniaff@gmail.com

Resumo

O objetivo dessa palestra é analisar o Projeto de um caminho para ligar estabelecimentos portugueses da África, que buscava propor que fossem os portugueses os primeiros a estabelecer uma passagem terrestre entre Angola, na costa oeste, e Moçambique, na costa leste. Esse projeto, idealizado pelo embaixador português Dom Luís da Cunha, em 1725, era acompanhado de um mapa, de autoria do geógrafo francês, Jean Baptiste Bourguignon D'Anville. Interessa-me, em primeiro lugar, investigar o livro, ou os livros, que inspiraram o embaixador a conjeturar essa ideia, entre eles figura *Captain Singleton*, de Daniel Defoe. Em segundo lugar, as razões que o levaram a esse empreendimento e como se deu a colaboração entre os dois para sua confecção. Tal projeto visava garantir o domínio luso sobre esta área, impedir o avanço dos flamengos ou o interesse dos ingleses e reativar o comércio com as tribos do interior. Este projeto de ligação terrestre entre Angola-Benguella e Moçambique-Sofala-Sena viabilizaria ainda a retirada do ouro e do marfim que abundavam na região interior entre as duas possessões portuguesas, especialmente no império do Monomotapa e na Butua. Em seguida investigar as transformações na representação geográfica da região meridional do continente africano introduzidas, ao longo dos anos, por D'Anville, que modificaram a maneira como o continente africano vinha sendo representado tradicionalmente na cartografia da época.

O romancista, os piratas e o embaixador

Na carta que escreveu apresentando o projeto a Dom João V, Dom Luís da Cunha disse, nas primeiras linhas, que aventar uma ligação terrestre entre Angola e Moçambique surgira-lhe como uma epifania, mas, noutro trecho, confessou que não era coisa totalmente nova, pois a “achei em uma relação impressa daquele país”.ⁱ De acordo com ele, tratava-se de uma das memórias que fizera seus criados lerem em voz alta, na qual “seu autor diz que só os senhores reis de Portugal podiam empreender aquele descobrimento, visto que os seus vassallos tinham já penetrado no interior do país, afastando-se igualmente assim da costa oriental como da ocidental”. Ainda segundo ele, essa memória acentuava não só que os portugueses de ambas as costas já “se encaminhavam ao mesmo fim”, mas que o posicionamento das suas conquistas na região era totalmente propício à execução da ligação terrestre entre as duas costas da África meridional, visto que esses “estabelecimentos [Angola e Moçambique], ficando quase defronte uns dos outros, parece que lhes não falta mais que darem-se as mãos para ajuntarem as duas extremidades”.ⁱⁱ Qual seria essa memória que inspirou os sonhos do embaixador?

Entre os livros que D'Anville utilizou para produzir seus mapas, que serão examinados adiante, apenas um deles sugere tal empreitada – em grande parte o interior do continente ainda continuava a ser um grande enigma, onde os europeus dificilmente se aventuravam. Trata-se da *Relação do Novo Caminho que fez por Terra e Mar vindo da Índia para Portugal no ano de 1663*, de autoria do jesuíta português, Manuel Godinho,ⁱⁱⁱ obra certamente fornecida por dom Luís da Cunha. Se foram os escritos desse padre que inspiraram o embaixador, esse distorceu suas palavras na carta que escreveu à corte apresentando seu projeto, pois o que esse autor sugere em seu livro é qual rota a ser tomada entre as duas colônias, seja lá quem se aventurasse a percorrê-la e os cuidados que deveriam ser tomados caso fossem os portugueses que se decidissem a patrocinar a empreitada. Diz: “quem pretender fazer este caminho de Angola a Moçambique e daqui a Índia, atravessando o sertão da cafraria, deve demandar a sobredita lagoa Zachaf,

* Este artigo é parte da pesquisa, financiada pelo CNPq, Capes e Fapemig, que resultou em dois livros: FURTADO, Júnia Ferreira. *Oráculos da Geografia iluminista: Dom Luís da Cunha e Jean Baptiste Bourguignon D'Anville na construção da cartografia do Brasil*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2012 and FURTADO, Júnia F. *O mapa que inventou o Brasil*. São Paulo/Rio de Janeiro: Odebrecht/ Versal, 2013.

e em a achando descer pelos rios aos nossos fortes de Tete e Sena; destes à barra de Quilimane; de Quilimane se vai por terra e por mar a Moçambique". O padre também faz menção ao fato de que "por falta de prêmio se não tem descoberto até agora este caminho" e que "as condições que devem concorrer em seu descobridor, o poder que há de levar, o modo com que se deve haver pelas terras por que passar, disse já em outro papel que se me pediu para bem do descobrimento".^{iv} Essa última afirmação revela que, de fato, escrevera um outro texto sobre a travessia, mas a pedido não se sabe de quem (o rei? Os jesuítas?), nem se conhece seu conteúdo e dificilmente Dom Luís teria acesso a esse manuscrito em Paris.

O padre Godinho ainda afirma, no seu livro, que parte desse território interior já era conhecido pelos portugueses, como um que "andou muitos anos pelos reinos de Monomotapa, Manica, Butua, e outros daquela cafraria" e que ele vira um mapa feito por esse último. Também afirmou que outros "portugueses (...) já lá chegaram, navegando pelos rios acima",^v mas que a travessia propriamente dita ainda não havia sido realizada. Sobre o interior entre Angola e Moçambique, por exemplo, Olfert Dapper,^{vi} em sua *Description de L'Afrique* (1686), descreve que o reino de Pombo, que ficava a meio caminho das duas costas, era inteiramente desconhecido, pois nenhum cristão jamais havia se aventurado até lá, acentuando as imensas dificuldades para executar tal travessia. Contou também que os portugueses afirmavam que um cafre de Moçambique, que viajou por terra de Sofala a Angola, deparou-se no caminho com um grande lago (o mesmo descrito por Godinho)^{vii} e, de fato, no mapa que acompanha seu livro esse lago aparece representado.^{viii}

A primeira questão que se coloca para tentar desvendar a fonte de inspiração do embaixador, é inquirir que razões o levaram a não citar o nome desse livro, visto que se basear nos escritos dos mais antigos conferia estatuto de autoridade e poderia reforçar seus argumentos em favor do projeto? Se se tratasse da obra do padre Godinho por que não referenciá-la, visto que o mesmo dissera que fizera um papel explicando como a empreitada deveria ser realizada e que seu destinatário poderia, inclusive, ter sido à época, o rei de Portugal? Tudo indica que o livro que realmente inspirou o embaixador não seria um que servisse a esse propósito, muito antes pelo contrário, o mais provável é que, no sentido contrário, reforçasse a ideia de que tudo não passava de uma aventura fantasiosa e quase impossível, daí não mencioná-lo em sua carta ao rei.

Que tipo de livro poderia ser este? E qual seu título? Tudo indica que o escolhido para distrair seu espírito inquieto e divertir e prender a atenção de seus criados não era para ser levado muito a sério. Nessa categoria se encaixavam os romances de aventura, que descreviam lugares imaginários e pouco críveis, apesar de muitos deles se basearem nos testemunhos orais de viajantes, particularmente marinheiros e piratas que se aventuravam nos vastos oceanos que se abriam aos navegadores europeu. Um dos maiores escritores desse gênero, no alvorecer do século XVIII, foi Daniel Defoe. Escritor prolífico, em 1719, veio a luz o seu maior sucesso editorial, *Robinson Crusoe*, que inaugurou o que poderíamos chamar de romance histórico de aventuras e se baseou nas peripécias de Alexander Selkirk, um naufrago escocês, remanescente da expedição do pirata William Dampier, que foi deixado numa ilha deserta, no arquipélago de Juan Fernandes, junto às costas do Chile.

Apenas um ano depois de *Robinson Crusoe*, Defoe lançou, em 1720, *The Life adventures and piraces of the famous captain Singleton*.^{ix} Esse retoma o mesmo mote do anterior e a narrativa começa quando um grumete inglês, embarcado num galeão português à caminho de Goa, na Índia, é abandonado, juntamente com alguns marinheiros portugueses, na ilha de Madagascar. O rapaz logo assume a chefia do grupo que passa a lhe chamar de Capitão Singleton. Esse, depois de examinar várias possibilidades para evadirem-se do local, convence seus companheiros a navegarem pelo estreito que separa a ilha do continente africano e, uma vez atingida a costa de Moçambique, a atravessarem a África por via terrestre, com o intuito de atingirem Angola ou a Costa do Ouro.

Apesar de o embaixador não o nomear, tudo indica que foi esse romance não nomeado, capaz sim de distrair e prender a atenção de seus ouvintes, além de dissipar suas preocupações, a fonte de inspiração de seu projeto, bem diferente das enfadonhas descrições geográficas existentes, como a de Dapper. Apesar de algumas pequenas imprecisões,^x observa-se que Defoe contou com boas fontes sobre a geografia local, entre essas, certamente, livros de viagens e relatos de alguns marinheiros portugueses que chegavam ao porto de Londres.^{xi} De fato, no romance, as descrições da ilha de Madagascar, do lago Maravi e do rio Zambezi são bastante acertadas - todos três novidades geográficas ainda pouco ou nada conhecidas dos europeus, que irão também aparecer nos mapas que D'Anville vai realizar em seguida

sobre a África meridional. O capitão Singleton era inglês, mas todos os seus demais companheiros de aventura eram portugueses, o que reforça a origem lusa da maioria das informações geográficas descritas no livro e também revela que era essa nação que dominava o conhecimento geográfico ao longo da rota da África até o Índico, necessária à realização da travessia terrestre.

Dom Luís da Cunha encontrou nesse livro mais do que apenas descrições geográficas bastante plausíveis do interior sul africano e, a todo momento, *Captain Singleton* se insinua como sua fonte de inspiração. Isso fica evidente logo nas suas primeiras páginas, quando se observa que o projeto que os aventureiros traçam, pouco depois de aportarem no continente africano, é exatamente o mesmo que o embaixador idealizou. Assim que atingem a costa de Moçambique, a primeira coisa que fazem é tomar as medidas de latitude, e concluem que estavam a 12º e 35' ao sul do Equador, medidas bastante factíveis e próximas das desenhadas nos mapas de D'Anville para situar a costa de Moçambique. De posse dessa informação, examinam os mapas que possuíam e, entre ir para Angola ou até a Costa da Guiné, se decidem pelo primeiro destino, porque, segundo suas cartas, Angola estava muito mais próxima, praticamente na mesma latitude onde se encontravam, bastando seguir na direção oeste, sendo que estavam seguros de encontrar rios que facilitassem sua jornada para o interior.^{xii} Essa conformação é muito semelhante da que Dom Luís advogava em seu projeto e da que D'Anville desenhou em seus mapas. Foi, muito provavelmente, embalado pelas venturas e desventuras desses marujos que a imaginação do embaixador foi aguçada e o fez acreditar que não seria impossível realizar tal empreendimento, apesar dos personagens do romance terem calculado que teriam que enfrentar cerca de 1100 milhas na travessia, muito mais do que a que D'Anville vai advogar nos seus mapas.

O projeto, a memória e o mapa sobre o caminho para ligar estabelecimentos portugueses da África

Sempre prolixo em suas cartas, o embaixador relatou o processo de feitura e do envio ao reino do *Projeto de um caminho para ligar estabelecimentos portugueses da África*. Quanto à etapa de produção, houve uma divisão das tarefas e é o próprio dom Luís da Cunha quem a descreve:

Trabalhei com mr. D'Anville sobre um projeto para nos facilitarmos um caminho por onde poderemos estabelecer a comunicação entre Angola e Sofalla (...). M. D'Anville fez dele um mapa muito curioso que remeti (...) com o dito projeto e uma descrição das mesmas terras que medeiam entre Sofala e Angola feita pelo mesmo D'Anville.^{xiii}

Em outro trecho, reafirma que “D'Anville fez com grande cuidado o tal mapa, com uma relação do dito país e eu o projeto”.^{xiv} Observa-se, então, nesses dois trechos que se tratavam, na verdade, não de dois, mas de três documentos: o projeto, o mapa e uma memória ou relação, que continha “uma descrição das mesmas terras que medeiam entre Sofala e Angola”, sendo que, nesse documento, disseram “sobre a extensão daquele país”.^{xv} O projeto saiu da pena de dom Luís da Cunha e os dois últimos – o mapa e a memória – foram de autoria de D'Anville.

O *Projeto de um caminho para ligar estabelecimentos portugueses da África* elaborado pelo embaixador, ao que tudo indica, parece ser o texto que, sob o título de *Carta de 1725*, foi lembrado^{xvi} e incorporado como apêndice^{xvii} em suas famosas *Instruções Políticas*, escritas a partir de 1736, com o intuito inicial de aconselhar seu dileto amigo, Marco Antônio de Azevedo Coutinho, que, então, havia sido nomeado Secretário dos Negócios Estrangeiros por dom João V.^{xviii} Já a carta, quando foi enviada à corte, foi endereçada ao Cardeal da Cunha, à época o principal conselheiro de dom João V.^{xix} A Sociedade Geográfica de Lisboa tem sob sua guarda, sob o título geral de *Description Geographique de l'Afrique*,^{xx} dois manuscritos, que não são idênticos entre si, sendo que um deles parece ser o original e o outro uma cópia. Segundo Eugénia Rodrigues, a cópia, teria sido realizada depois de 1875, mas a autora não esclarece como chegou a esta conclusão.^{xxi}

Um dos documentos,^{xxii} o que é claramente a cópia, todo escrito em francês, compõe-se de 3 partes: uma *Memória ou l'on traite de la communication d'un cote de l'Afrique à l'autre*, de 6 páginas, onde é esboçado

o projeto de travessia, cujo conteúdo não é exatamente o mesmo, mas se assemelha à *Carta de 1725*, de dom Luís da Cunha;^{xxiii} segue-se a *Description Geographique de la partie de l'Afrique, qui est au sud de la ligne Equinoxiale...*, que se estende por 86 fólhos, descrevendo a geografia da região; e finaliza um anexo, de 3 páginas, intitulado *Remarques de M. D'Anville sur le projet géographique*,^{xxiv} "contendo indicações de distâncias e de minas de ouro e de prata, e conselhos sobre a maneira de efectuar a travessia",^{xxv} além de uma bibliografia sumária de referência sobre o tema. Esta bibliografia fornece algumas pistas sobre a datação desse documento, que é certamente produzido depois de, pelo menos, 1762. Nela, são referenciados dois manuscritos de D'Anville, retirados dos fundos da *Académie des Inscriptions et Belles Lettres*, de Paris: a *Mémoire concernant les rivières de l'intérieur de l'Afrique, sur les notions tirées des anciens et modernes avec une carte*, (...), tome XXVI, 1759 e a *Mémoire sur le pays de Ophir ou les flottes de Salomon allaient chercher d'or, avec 1 carte*, (...), tome XXX, 1762; a *Carta acerca do projeto de um caminho para ligar os estabelecimentos portugueses d'África oriental e ocidental sobre o que o geógrafo francês mr. D'Anville fez um mapa e uma memória*, que estariam no Depósito de manuscritos da Academia, n.223; e dois livros: a *Relation Historique de l'Ethiopie Occidentale*, de Labat (1732),^{xxvi} e a *Description de l'Afrique*, de autoria de D.M. Dapper (1686).^{xxvii}

Já o segundo documento, que não apresenta nem o preâmbulo inicial, nem o final que aparecem na cópia anterior, se restringe à *Description Geographique de la partie de l'Afrique* e é inconteste a letra, quando cotejado com outros de sua autoria, é de D'Anville, como o aspecto formal do documento é o mesmo de outros congêneres do geógrafo, além de ostentar a sua assinatura, seguida do seu título de "geógrafo ordinário do rei", que alcançara desde 1719.^{xxviii} O número 510, que se encontra escrito no alto desse documento, na margem esquerda da primeira folha, é característico da classificação dos documentos textuais de D'Anville, que foi a empregada por Louis-Charles-Joseph de Manne para classifica-los,^{xxix} segundo sua abrangência geográfica, depois de ter herdado os documentos de seu mestre. A *Description*, de natureza geográfica, tinha por objetivo dar "maior clareza" ao projeto elaborado pelo embaixador e "mostra[r] que os estabelecimentos portugueses da parte de Angola e do Monomotapa o poderiam facilitar" o empreendimento.^{xxx} D'Anville acreditava que era dessa forma que "deveria escrever sobre a Carta que havia desenhado (...), dando conta sobre os conhecimentos com os quais trabalh[ou]". Era forma também de "torna-la mais interessante" e convidar "à busca de conhecimentos que poderiam deixa-la mais perfeita e mais útil".^{xxxi}

Quanto ao mapa de 1725, este ainda não foi encontrado, a despeito dos esforços de vários pesquisadores.^{xxxii} Segundo observação de dom Luís da Cunha era o "mais correto, de ponto mais largo, e mais compreensível para o nosso objeto", e constituía um instrumento fundamental para "se entender o que o dito D'Anville diz no princípio da sua carta [memória]", pois permitia "vermos se se poderia fazer uma comunicação desde Angola até o rio de Sena".^{xxxiii} Segundo seu autor, tudo foi feito às expensas do rei de Portugal.^{xxxiv} O patronato de dom João V, intermediado por dom Luís da Cunha, não só tornava público a importância desse monarca para o desenvolvimento das ciências, como adquire um aspecto simbólico para o conjunto da produção geográfica de D'Anville, pois era a primeira vez que o mesmo se aventurava num empreendimento de peso sobre a geografia moderna.^{xxxv} Para mostrar seu apreço pelo embaixador e sua gratidão ao mecenato régio, no fim do texto o geógrafo afirma:

Serei feliz se, tendo trabalhado por ordem dum grande e hábil ministro [dom Luís da Cunha], fui bem sucedido numa ocasião em que me animou o poderoso estímulo de agradar a um grande rei, infinitamente esclarecido e que tanto contribui para o progresso das ciências, pela proteção com que as honra.^{xxxvi}

Ao enveredar-se pela primeira vez no campo da cartografia moderna, D'Anville, que até então se distinguia por sua habilidade na construção de uma geografia histórica, decidiu apresentar o mapa na *Académie Royale des Sciences de Paris*, que era a principal instituição na França que patrocinava tudo que dissesse respeito ao avanço e modernização do conhecimento científico, especialmente das regiões ainda pouco exploradas do globo. Era comum que os geógrafos franceses submetessem seus mapas a esta instituição que, depois de examiná-los por comissão designada a dar seu parecer, aprovava ou não os mesmos. Era forma de imprimir um estatuto de qualidade às cartas geográficas, ancorando-as no prestígio e na autoridade que a *Académie* gozava entre a elite intelectual europeia.^{xxxvii} Assim, nesse mesmo ano, D'Anville apresentou, na sua seção de 1º de setembro, o que era provavelmente uma cópia do mapa de 1725 que, segundo ele, "continha toda a África meridional, abaixo do Equador". Vinha acompanhado da memória sobre o mesmo, que leu em seguida para os acadêmicos.^{xxxviii} A produção de memórias

explicativas sobre o processo de produção dos mapas era expediente fundamental à cartografia de gabinete da época e visava explicitar o processo de seleção e crítica das fontes utilizadas pelo geógrafo, com vistas a validar a representação espacial por ele produzida.

O mapa de 1725, na visão de dom Luís da Cunha, era “um mapa muito curioso”,^{xxxix} e o “mais correto, de ponto mais largo, e mais compreensível para o nosso objeto”.^{xl} Ambos foram enviados a Portugal, pelo embaixador, junto à carta de sua autoria, no qual descrevia o projeto, pois “Monsieur Danville deseja que se faça examinar o seu mapa e a sua memória, para aproveitar os seus estudos, em caso que lhe achem algumas faltas, que são fundadas nas relações de que servia”.^{xli} Ainda que o mesmo esteja desaparecido, podemos ter ideia de como estava configurado a partir dos textos da *Carta de 1725*, de dom Luís da Cunha, e da *Description Geographique de la partie de l'Afrique, qui est au sud de la ligne Equinoxiale*, de D'Anville, já que os mapas e as memórias escritas sobre o mesmo guardam íntima conexão. Outra fonte de informação sobre a sua configuração pode ser alcançada a partir da análise de 4 mapas manuscritos existentes no acervo da coleção D'Anville, sitos na *Bibliothèque Nationale de France*.^{xlii} Ao que tudo indica, tratam-se de mapas primitivos regionais que, somados, configuram os mesmos territórios consolidados no mapa de 1725. São eles a Carta dos *Royaumes de Loando, Congo, Angola, Benguela* (Mapa 1),^{xliii} a *Carte manuscrite de la côte d'Afrique depuis le cap Negro jusqu'à celui de Bonne Espérance et de là jusqu'à la rivière de Pescaria*^{xliv} e a *Carte du canal de Mozambique de la côte occidentale de l'Isle de Madagascar et des états du Monomotapa* dividida em duas folhas: o sul (MAPA 2),^{xlv} e o norte.^{xlvi} Eles não estão datados com precisão, a indicação da instituição é de que os três últimos são de 17... e apenas para o primeiro há a indicação de data mais precisa, o qual seria mais tardio, de aproximadamente 1730. No entanto, cotejando esses mapas com a *Description Geographique de la partie de l'Afrique, qui est au sud de la ligne Equinoxiale* é possível afirmar que todos foram produzidos em 1725, pois a configuração que ostentam é exatamente a mesma dessa memória, escrita para explicar o mapa da África meridional que ilustrava o projeto de travessia. Nesse texto, ao comentar uma carta holandesa que usou como fonte para estabelecer a geografia do Cabo da Boa Esperança, D'Anville afirma que “com ela trabalhei para desenhar os rascunhos da *Carte d'Afrique*”, indicando que mapas regionais manuscritos foram produzidos nesse contexto. Outro indício de contribuiu para reforçar essa datação, é o fato de que são certamente anteriores a 1727, pois, neste ano, D'Anville publica dois mapas impressos dessa região - a *Carte de l'Afrique*^{xlvii} (MAPA 3) e a *Carte de l'Ethiopie orientale*^{xlviii} (MAPA 4) -, que se caracterizam por apresentar configurações muito semelhantes a estes quatro mapas manuscritos, mas que já apresenta algumas alterações. A *Carte de l'Afrique* é, claramente, a consolidação desses mapas regionais, que revelam em seu conjunto a forma como D'Anville compreendia a geografia da África meridional no contexto do projeto de travessia e que se manteve inalterado até 1731.

Outro indício dessa datação é que, a partir desse último ano, importantes modificações foram introduzidas por D'Anville, que marcam uma ruptura na sua cartografia da África meridional, o que será examinado mais a frente. Portanto, tomo como ponto de partida que os quatro mapas manuscritos foram produzidos numa mesma época, articulam-se entre si, um complementando o outro, e são coerentes com a conformação geográfica que D'Anville e Dom Luís da Cunha defenderam em seu projeto de 1725. Também, ao cotejar esses quatro mapas com o texto da *Description Geographique de la partie de l'Afrique, qui est au sud de la ligne Equinoxiale* observa-se uma relação direta entre eles. D'Anville explica como ordenou esse texto:

Para a descrição que eu vou fazer, eu vou seguir a costa, mais conhecido que o interior do país (...). Eu vou começar pela costa ocidental, abaixo da Linha [do Equador], e seguindo do norte ao sul; e eu retornarei do sul ao norte, para descrever logo em seguida a costa oriental, e terminar sob a Linha.^{xlix}

De fato, o texto da Memória orienta o olhar do leitor que se debruçar sobre os 4 mapas, que se completam entre si, e o cotejamento das informações geográficas contidas nos mesmos permite constatar que há uma relação direta entre texto e mapas. Todos estes mapas estão orientados no sentido norte (canto superior) e sul (canto inferior) e deve-se observá-los começando pelo noroeste, situado no extremo esquerdo do alto da página de cada um. No caso da *Royaumes de Loando, Congo, Angola, Benguela* (Mapa 1), esse local é ocupado pelo Cabo Lopo Gonzales, situado a 10. de latitude sul do Equador, que é o primeiro acidente geográfico descrito na Memória. Em seguida, D'Anville se refere no texto e desenha no mapa o rio Gabão, situado ao sul desse Cabo. Vêm em seguida, seguindo na direção sul, os reinos de Luanda, Cagongo, Sonho, Congo, Matamba e Benguela, respectivamente. Constatada a relação direta entre os dois suportes,

fica assegurado que os quatro mapas de 1725 podem ser utilizados para reconstruir o mapa consolidado da África meridional, produzido por D'Anville e enviado pelo embaixador para defesa da travessia do sudoeste africano, que, em linhas gerais, se assemelha à *Carte de l'Afrique* (Mapa 3), de 1727.

D'Anville conta que, a partir das memórias portuguesas a que teve acesso (as que dom Luís lhe disponibilizou), “elaborou uma carta, da qual me servi para traçar parte da minha”.ⁱ Nesse trecho, primeiramente, esse geógrafo aponta para uma de suas principais especialidades: transformar relações históricas em mapas; que, por sua vez, também podiam servir para ilustra-las. Em segundo lugar, é, provavelmente, a este mapa que dom Luís da Cunha se refere quando conta que, pela manhã, cotejava as histórias com um mapa da região. Em terceiro lugar, observa-se que D'Anville produziu o seu próprio mapa, modificando as informações geográficas à luz de novos documentos, especialmente das observações e cartas mais recentes do território que pôde conseguir, a maioria por meio do embaixador. O objetivo principal de sua carta era mostrar a “distância que pode haver entre os confins do reino de Angola, e de Monomotapa, a fim de atravessar este país desconhecido e estabelecer a comunicação” e o geógrafo, “na representação do seu mapa, se faz um ponto capital de buscar a verdadeira largura daquela parte de África”.ⁱⁱ A partir de então, a representação que D'Anville fez da África conheceu novas edições e correções sucessivas, mas sempre com o título *l'Afrique*.

ⁱ Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC). Cartório de Dom Luís da Cunha (CDLC). Doc.67, Haia, abril de 1729.

ⁱⁱ CUNHA, D. Luís da. Carta de 1725. In: *Instruções políticas*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2001, p.375-376. (Organização de Abílio Diniz Silva)

ⁱⁱⁱ GODINHO, Manuel *Relação do Novo Caminho que fez por Terra e Mar vindo da Índia para Portugal no ano de 1663*. Lisboa: Typografia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1842.

^{iv} GODINHO, Manuel *Relação do Novo Caminho que fez por Terra e Mar vindo da Índia para Portugal no ano de 1663*, p.199-200.

^v GODINHO, Manuel *Relação do Novo Caminho que fez por Terra e Mar vindo da Índia para Portugal no ano de 1663*, p.200.

^{vi} Dapper escreveu sua descrição da África a partir dos registros existentes na Companhia das Índias Ocidentais (WIC), no porto de Amsterdam, que reunia informações de navegantes, principalmente flamengos e portugueses. DAPPER, Olfert D.M. *Description de l'Afrique contenant les noms, la situation e les confins de toutes ses parties, leurs rivières, leurs villes, & leurs habitations, leurs plantes & leurs animaux, les moeurs, les coutumes, la langue, les richesses, la religion & le gouvernement de ses peuples avec des cartes des États, des provinces & des villes...* Traduite du flamand. Amsterdam: Wolfgang, Waesberge, Boom and van Someren, 1686.

^{vii} “Fica esta lagoa não muito longe do Zimbave, quer dizer corte, de Mesura ou Marabia. Sai dela o rio Aruvi, que por cima do nosso forte de Tete se mete no rio Zambeze. E também o rio Chire que, cortando por muitas terras, e ultimamente pelas do Rondo, se vai ajuntar com o rio de Cuama, para baixo de Sena”. GODINHO, Manuel *Relação do Novo Caminho que fez por Terra e Mar vindo da Índia para Portugal no ano de 1663*, p.200.

^{viii} DAPPER, Olfert D.M. *Description de l'Afrique*, p.360.

^{ix} DEFOE, Daniel. *The Life adventures and piraces of the famous captain Singleton, with an introduction by Edward Garnett*. Champaign/USA: Book Jungle, sd. Agradeço essa indicação a Ljiljana Ortolja-Baird.

^x Segundo Edward Garnett, um de seus raros equívocos, por exemplo, é a descrição de um deserto não existente, na página 90 do livro. GARNETT, Edward. Preface. In: DEFOE, Daniel. *The Life adventures and piraces of the famous captain Singleton*, p.X.

^{xi} Antes de se tornar escritor, Defoe tinha embarcado numa viagem mercante por Portugal e Espanha, onde aprendeu o idioma.

^{xii} DEFOE, Daniel. *The Life adventures and piraces of the famous captain Singleton*, p.57. “The first thing was to take an observation (...) and see and found we were in the latitude of 12 degrees 35 minutes South of the line. (...) Our aim was for the coast of Angola, which, by the charts we had, lying very near the same latitude we were in, our course thither was due West; and as we were assured we should meet with rivers”. Aqui se insinua que mapas também foram importantes fontes de informação geográfica para o escritor.

^{xiii} AUC. CDLC. Doc 67, Haia, abril de 1729.

^{xiv} AUC. CDLC. Doc.67, Haia, abril de 1729.

^{xv} CUNHA, D. Luís da. Carta de 1725, p.375.

- xvi "Já aponteí o de abrir a comunicação entre Angola e Moçambique, que V.S^a. achará por Apêndice no fim deste papel com o seu mapa particular". CUNHA, D. Luís da. *Instruções políticas*, p.340.
- xvii "Adjunto pois a este papel, com Apêndice, o projeto de que falei, com a carta que escrevi ao Ex^{mo}. Cardeal da Cunha, porque tem o mesmo objecto de se poder aumentar o comércio de Portugal, que já se não pode estender senão pelo que de novo se descobrir". CUNHA, D. Luís da. *Instruções políticas*, p.373.
- xviii CUNHA, D. Luís da. Carta de 1725, p.375-378.
- xix CUNHA, D. Luís da. *Instruções políticas*, p.373.
- xx Sociedade Geográfica de Lisboa (SGL). Manuscritos. Res 3-C-16 e Res 3-C-17. *Description Geographique de la partie de l'Afrique, qui est au sud de la ligne Equinoxiale que est au sud de la Ligne Equinoxiale, représentée dans une Carte que j'ai dressée par l'ordre et conformément au dessein de Son Excellence Monseigneur Dom Louis da Cunha*.
- xxi RODRIGUES, Eugénia. D. Luís da Cunha e Jean-Baptiste Bourguignon D'Anville: das representações da África Austral aos projetos de reconfiguração do império português. *Actas do III Encontro Internacional de História de Angola*. Luanda, 2007, p.7.
- xxii SGL. Manuscritos. Res 3-C-16. *Description Geographique de la partie de l'Afrique*.
- xxiii MOTA, Avelino Teixeira da. Dom Luis da Cunha e a carta da África Meridional de Bourguignon d'Anville (1725). *Separata da Revista Portuguesa de História*, tomo X, p.10-11, 1962. O autor encontrou ainda uma versão dessa documentação no Arquivo da Casa de Palmela.
- xxiv SGL. Manuscritos. Res 3-C-16. *Description Geographique de la partie de l'Afrique*.
- xxv MOTA, Avelino Teixeira da. Dom Luis da Cunha e a carta da África Meridional de Bourguignon d'Anville, p.11.
- xxvi LABAT, Jean-Baptiste. *Relation historique de l'Ethiopie Occidentale: contenant la description des Royaumes de Congo, Angolle, & Matamba, traduite de l'Italien du P. Cavazzi, & augmentée de plusieurs Relations Portugaises des meilleurs auters, avec des notes, des cartes géographiques, & un grand nombre de figures en tailledouce*. Paris: Chez Charles Jean Baptiste Delespine, 1732.
- xxvii DAPPER, D.M. *Description de l'Afrique*, 1686.
- xxviii SGL. Manuscritos. Res 3-C-17. *Description Geographique de la partie de l'Afrique*, f.68. No preâmbulo desse documento aparece a referência de ter sido parte do espólio documental de Gago Coutinho, que o adquiriu do leilão de J. Chagas, em dezembro de 1927.
- xxix Informação oral fornecida por Lucille Haguët, que a retirou da correspondência de De Manne.
- xxx CUNHA, D. Luís da. Carta de 1725, p.376.
- xxxi SGL. Manuscritos. Res 3-C-17. *Description Geographique de la partie de l'Afrique*, f.67-68.
- xxxii MOTA, Avelino Teixeira da. Dom Luis da Cunha e a carta da África Meridional de Bourguignon d'Anville, p.12.
- xxxiii CUNHA, D. Luís da. Carta de 1725, p.376.
- xxxiv Archives de la Académie Royale des Sciences de Paris (AARSP). Process verbaux, 1725, 1º de setembro de 1725. Importante destacar que na Biblioteca dessa Academia não se encontra catalogada nem a Memória nem o mapa de 1725.
- xxxv Sobre a importância do mecenato de dom João V para o desenvolvimento da cartografia de D'Anville ver FURTADO, Júnia Ferreira. Réseaux portugais pour la construction de la cartographie moderne de D'Anville. In: HOFMANN, Catherine et HAGUET, Lucile. (orgs.) *Jean Baptiste Bourguignon d'Anville, géographe du roi (1697-1782): Représentations et réalités d'une carrière savante à l'époque des Lumières*. Paris: Fondation Voltaire, 23p. (no prelo)
- xxxvi SGL. Manuscritos. Res 3-C-17, *Description Geographique de la partie de l'Afrique*, f.68. Ver também MOTA, Avelino Teixeira da. *A cartografia antiga da África central e a travessia entre Angola e Moçambique (1500-1860)*. Lourenço Marques: Sociedade de Estudos de Moçambique, 1964, p.90.
- xxxvii D'Anville did likewise with his *Carte de la France* on Nov. 27, 1726. The Academy appointed Giovanni Domenico Maraldi (1709-1788), e M. le Chevalier de Louville (1671-1732) to examine it. They concluded that "it seemed to us in agreement with the observations to determine the latitudes and longitudes observed, so that it can be a general map. It is correctly and appropriately drawn and the details of the coasts are precise, the choice of positions is made with knowledge and good judgment." AASP. Process verbaux, 1726, Nov. 27, 1726.
- xxxviii AARSP. Process verbaux, 1726, 4 Decembre 1726.
- xxxix AUC. CDLC. Doc 67, Haia, abril de 1729.
- xl CUNHA, D. Luís da. Carta de 1725, p.376.
- xli CUNHA, D. Luís da. Carta de 1725, p.378.
- xlii MOTA, Avelino Teixeira da. Dom Luis da Cunha e a carta da África Meridional de Bourguignon d'Anville, 16p.
- xliiii Bibliothèque Nationale de France (BNF). Département des Cartes et Plans (DCP). Ge DD- 2987 (8255). *Royaumes de Loando, Congo, Angola, Benguela & c.*, d'Anville, 1730, manuscrita, 49 x 64,5cm. Grande parte da Coleção D'Anville encontra-se catalogada sob a cota Ge DD- 2987.
- xliiii BNF. DCP. Ge DD- 2987 (8269). *Carte manuscrite de la côte d'Afrique depuis le cap Negro jusqu'à celui de Bonne Espérance*, d'Anville, 17.., manuscrita, 65 X 51cm.
- xliiii BNF. DCP. Ge DD- 2987 (8322). *Carte du canal de Mozambique de la côte occidentale de l'Isle de Madagascar et des états du Monomotapa, sud*, d'Anville, 17.., manuscrita, 47,5 X 43,5cm.

^{xlvi} BNF. DCP. Ge DD- 2987 (8323). *Carte du canal de Mozambique de la côte occidentale de l'Isle de Madagascar et des états du Monomotapa, nord*, d'Anville, 17.. , manuscrita, 34 X 49cm.

^{xlvii} BNF. DCP. Ge DD- 2987 (7772). *Carte de l'Afrique*, d'Anville, 1727, impressa, 25 x 31cm.

^{xlviii} BNF. DCP. GE DD- 2987 (8302). *Carte de l'Ethiopie orientale située sur la mer des Indes entre le cap Guardafouin & le cap de Bonne-Espérance, dressée sur les meilleurs mémoires principalement sur ceux des portugais par le Sr d'Anville géographe ordre du roi*, d'Anville, Agosto de 1727, impressa, 65 X 42cm.

^{xlix} SGL. Manuscritos. Res 3-C-17. *Description Geographique de la partie de l'Afrique*, f.1.

^l Apud: MOTA, Avelino Teixeira da. *A cartografia antiga da África central e a travessia entre Angola e Moçambique*, p.90.

^{li} CUNHA, D. Luís da. Carta de 1725, p.377.